



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROFESSORA MARIVETE GESSER

Psicologia transpessoal: o indivíduo.

Caio Lessa

Isadora Lima Zaneti

Lucas Pinheiro

Lucas Roberto Goulart

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina como trabalho de avaliação na disciplina de Prática e Pesquisa Orientada II.
Orientador: Rudinei Beltrame.

Florianópolis

2017

RESUMO

A psicologia transpessoal é alvo de olhares desconfiados por profissionais e órgãos oficiais reguladores no Brasil - instituições essas cujos alicerces a atribuem um supostamente condenável caráter de parapsicologia; visto que a espiritualidade enfrenta imensas barreiras em solo brasileiro. Esta pesquisa procura explorar conhecimentos a respeito dela e serve de pré-projeto a uma pesquisa mais ampla para unir os conhecimentos produzidos pela psicologia transpessoal, usando uma base bibliográfica relativa aos diversos assuntos que essa disciplina é capaz de integrar.

Palavras-chave: Psicologia transpessoal, indivíduo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	04
1.1 Problemática.....	04
1.2 Problema.....	05
1.3 Objetivos Gerais.....	05
1.4 Objetivos Específicos.....	05
1.5 Justificativa.....	06
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	08
2.1 Contextualização Histórica	08
2.2 Principais Contribuintes.....	09
2.3 Sujeito e Consciência.....	10
2.4 Espiritualidade e Religiosidade.....	11
3. MÉTODO	13
3.1 Lócus e Participantes.....	13
3.2 Procedimento para coleta de informações.....	14
3.3 Procedimento para análise dos dados.....	14
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
4.1 Entendimento individual da abordagem.....	16
4.2 Diferenciação entre espiritualidade e religiosidade.....	18
4.3 A perspectiva Transpessoal de indivíduo.....	21
4.4 Processos Terapêuticos.....	23
4.5 Similaridades e Particularidades.....	25
4.6 Desafios à abordagem.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6. REFERÊNCIAS	34
7. ANEXOS E APÊNDICES	36
5.1 Roteiro de Entrevista.....	36

1. INTRODUÇÃO

1.1 Problemática

Psicologia: do latim, *psychologia* (*psukhê*, “alma” e *logia*, “estudo de”). O termo que inicia o parágrafo denomina uma ciência; uma corrente filosófica que, mesmo sendo recente perante disciplinas já estabelecidas no mundo acadêmico, apresenta crescimento e influência exponencial, tanto no mundo científico quanto no meio popular. Com seus objetos de estudo e métodos muitas vezes subjetivos, divergências epistemológicas internas foram inevitáveis - *Behaviorismo*, psicanálise e humanismo: as chamadas, respectivamente, primeira, segunda e terceira forças da psicologia foram, ao longo do século XX, estabelecendo-se como as vertentes dominantes de uma ciência tão jovem e emergente.

A partir do ponto em que a subjetividade humana foi testada, uma série de caminhos foram traçados, como visto em Schultz & Schultz (2013). O século XX presenciou o efervescente trajeto de linhas como psicanálise, psicodrama, fenomenologia, comportamentalismo, humanismo, Gestalt, Reich - cada qual com seus aspectos filosóficos, sociológicos e fisiológicos. A falta de integração e a refutação intrínseca às teorias terminaram por prejudicar a ciência em sua totalidade - justamente uma das resoluções que deram origem à quarta força; ou seja: com uma forte influência Humanista e assumindo uma suposta neutralidade referente a todas as demais escolas que a antecedem, a Psicologia Transpessoal busca ao invés de subtrair os diversos aspectos de uma escola pelas concepções de uma outra, combiná-los, fazendo-os completarem-se entre si, a fim de se constituir uma visão mais íntegra do indivíduo. “(...) diferentes escolas têm criado múltiplas explicações e imagens em torno da natureza humana. É muito comum, todavia, considerar essas perspectivas como sendo opostas entre si. Nossa hipótese, de outro lado, é que são, em verdade, fragmentos de um complexo multifacetado que é ser humano. (Vaughan & Walsh, 1995)”.

A Psicologia Transpessoal possui uma essência extremamente difusa: aproximação com conceitos quânticos; o destaque conferido à espiritualidade não-religiosa; a tentativa de integrar conceitos já existentes na psicologia e outras ciências; a fuga do método positivista tão comum dentro do meio acadêmico; todos são fatores que criam nesse campo uma narrativa única e até então ignorada - e por isso, não por acaso, é frequentemente associada a

disparates. A escola transpessoal não se satisfaz com a dimensão do ego apenas, visto que para ela isso implica em uma limitação da psique humana. Seu objetivo central, portanto, é a superação desse estado limitante - a exploração de outras esferas da consciência. “O que caracteriza o ‘si mesmo’ do humano é um território aberto, vazio e potente de criatividade. Como podemos perceber, para essa perspectiva a natureza humana não é pessoal, é muito maior do que isso: é transpessoal. (Ferreira, Silva & Silva, 2015)”

O que diferencia a Psicologia Transpessoal das outras abordagens é a visão espiritual da subjetividade. Segundo os teóricos da mesma, a espiritualidade é uma característica definidora da natureza humana, elemento tão central sem o qual a subjetividade não se torna plena, inteira, integral, transpessoal. Entretanto, vale lembrar que essa espiritualidade se baseia na experiência pessoal, não precisando estar calcada em doutrinas religiosas. O “eu” portanto não é sinônimo de subjetividade, o que habitualmente entendemos como “eu” não passa de uma construção - contínua. “A natureza humana é antes de tudo um processo, e não uma substância fixa, como geralmente pensamos em torno da experiência de identidade (Ferreira & Silva, 2015)”.

Sendo assim, a Psicologia Transpessoal possui uma visão profunda e integrativa do ser humano, parte de uma perspectiva de que o indivíduo é algo em constante mudança e não um mecanismo aprisionado por uma lógica causal, sejam elas ambientais ou pulsionais defendidas por exemplo pelo behaviorismo e a psicanálise respectivamente (Lima Neto, 2013).

1.2 Problema

Qual a concepção ontológica e epistemológica da Psicologia Transpessoal?

1.3 Objetivos Gerais

Compreender e discorrer sobre os princípios estruturais da psicologia transpessoal.

1.4 Objetivos Específicos

- Identificar os principais objetos de estudo da psicologia Transpessoal.

- Identificar os benefícios da Psicologia transpessoal enquanto prática terapêutica na percepção de profissionais e pesquisadores da área.
- Identificar as potencialidades e fragilidades da psicologia transpessoal na percepção de profissionais e pesquisadores da área.
- Analisar as concepções a respeito da noção de sujeito na psicologia Transpessoal.
- Compreender características da espiritualidade e como a mesma está intrinsecamente conectada ao conceito de transpessoalidade e ao conceito de indivíduo.
- Apontar, na conjuntura vigente, os principais desafios encontrados pela epistemologia e prática transpessoal.

1.5 Justificativa

A psicologia transpessoal, apesar de seu reconhecimento nos EUA e na Europa, continua pouco conhecida no meio acadêmico, acarretando um olhar desconfiado por parte dos profissionais e estudantes, seja entre órgãos oficiais reguladores das atividades da categoria (Parizi V. G., 2006 p. 110), seja entre possíveis clientes que, ao entrarem em contato de terapias que não a transpessoal, são direcionados a outros ramos da psicologia e levados a ser passíveis de uma abordagem direcionada pelo modelo metodológico das ciências naturais. Dessa forma, são comprometidos com uma falsificação, desnaturalização, e uma desumanização de si, na medida em que, submetido a este tipo de observação, se transforma inevitavelmente em objeto (Frankl, 1981/1990, p. 35), abstraindo a dimensão espiritual de sua experiência da realidade - a partir do momento que há uma oposição entre espírito e matéria. (Descamps, 2003).

Como forma de justificativa, pretende-se a promoção de uma possibilidade de integração entre as diferentes escolas, baseando-se na possibilidade de cada uma estar observando e analisando níveis diferentes do espectro total da consciência, complementares e não antagônicas entre si.

Além disso, é essencial uma desmistificação sobre a psicologia transpessoal a fim de trazer esse conhecimento ao meio acadêmico, dando visão à possibilidade de uma abordagem integrativa, e sucessiva reflexão sobre uma perspectiva “centrada mais no cosmos que nos desejos e interesses humanos, além do humano, da identidade, da atualização do ser e do resto.” (Parizi, 2006).

Almeja-se também, mesmo que de maneira sutil, difundir essa escola relativamente nova dentro da psicologia com o intuito de contribuir para proporcionar o conhecimento de outra possibilidade de atuação dentro da Psicologia, com uma abordagem particular e específica, voltada para os aspectos positivos do indivíduo.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Contextualização Histórica

De acordo com Kruger (2010) e Fanti & Feijó (2012), o contexto que propiciou o nascimento da Psicologia Transpessoal foi turbulento. Eram anos de Guerra Fria; décadas marcadas pela tensão resultante da disputa armamentista, tecnológica e sociocultural entre duas potências cujos limites eram, até então, inimagináveis - a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), e os Estados Unidos da América (EUA). Entretanto, a angústia frente a uma possível Terceira Guerra impulsionou grandes mudanças sociais: o conservadorismo moralista, característica predominante na cultura norte-americana entrou em declínio perante o coletivismo e movimentos civis a favor de negros, mulheres e homossexuais; o progressismo impactou a Igreja Católica, que abriu o Concílio Vaticano II com o objetivo de atualizar a instituição milenar (Azevedo, 2003).

Não só isso, visto que as décadas de 60/70 foram marcadas por movimentos de contestação: o fenômeno que recebeu a alcunha de “contracultura”, dentre os quais, a cultura *hippie* teve o maior e inegável destaque. Entre as principais características de tal coletivo, estão a negação de determinados valores “ocidentais” - patriarcalismo, corporativismo, militarismo, etc. - e a adoção de práticas e concepções orientais, de forma a criar uma ponte entre dois “mundos” pouco familiares entre si: ocidente e oriente. Culminou na disseminação de práticas pouco usuais na erudição europeia e americana; como por exemplo a meditação, a contemplação e o yoga. Houve também uma maior aproximação com as filosofias e religiões chinesas, tibetanas e indianas, dentre as quais foram priorizadas o budismo e o hinduísmo. A nova conexão entre os citados saberes proporcionou uma nova visão em relação ao mundo, ao indivíduo e à espiritualidade.

A abordagem transpessoal vai de encontro ao modelo biomédico que revolucionou a saúde no mundo. Embora tenha ajudado a salvar milhões de vidas, a sintomatização excessiva e a dependência de produtos químicos pouco contribuíram no âmbito sociocultural - o que aproximou teóricos ao visar, agora com a expectativa de vida da população em curva exponencial, um novo movimento. Assim, “como uma nova abordagem em Psicologia, a Transpessoal foi oficializada e anunciada no ano de 1968, por Abraham Harold Maslow.” (Saldanha, 2008, p. 43).

2.2 Principais Contribuintes.

Indiretamente, todas as escolas, teóricos e estudos no ramo da Psicologia, anteriores à Psicologia Transpessoal, foram contribuintes ao surgimento da mesma. A psicanálise, por exemplo, apesar de não mencionar a existência do aspecto espiritual, contribuiu como base para diversas perspectivas da Transpessoal, indiretamente, com o consciente/inconsciente, id/ego/superego e diretamente com o estudo dos sonhos e algumas nomenclaturas, por exemplo, “o termo ‘transpessoal’ foi referendado, pela primeira vez na área da Psicologia, por Carl Gustav Jung, utilizando as palavras *iiberperson*, em 1916, e *iiberpersonlich*, em 1917, que significam suprapessoa e suprapessoal, respectivamente (Simões, 1977, p. 48).” (Saldanha, 2008, p. 43).

Jung (1875-1961) está entre os principais precursores da linha Transpessoal também por afirmar que, “além do inconsciente pessoal, havia o inconsciente coletivo, o qual atuava e influenciava na manifestação da personalidade do indivíduo, e que a energia da libido não era só de cunho sexual. Desenvolveu, em sua obra, amplo estudo sobre fenômenos das religiões comparadas do Ocidente e Oriente, focalizando a dimensão espiritual da psique. (Saldanha, 2008, p. 59). Outro precursor da Psicologia Transpessoal, contemporâneo a Jung, foi o italiano Roberto Greco Assagioli (1888-1974), que após realizar sua tese de Doutorado em Psicanálise no ano de 1910, “ampliou o conceito do inconsciente, inserindo a dimensão espiritual” (Saldanha, 2008, p. 59).

Outro grande contribuinte para o surgimento dessa nova escola e anterior até mesmo a Jung e Assagioli foi William James (1842-1910). Considerado o “pai” da psicologia americana, “definiu a psicologia como a descrição e explanação sobre estados de consciência, alguns aspectos de sua teoria são amplamente reconhecidos hoje na Psicologia Transpessoal, sendo este autor um dos grandes precursores dessa abordagem. Propunha, por exemplo, o desapego ao sentimento como forma de equilibrar o humor, e explicava que esses sentimentos diziam respeito apenas ao temperamento e não ao nosso real estado de espírito (James, apud Fadiman; Frager 1986)” (Saldanha, 2008, p. 57).

2.3 Sujeito e Consciência.

O que faz de um indivíduo, um indivíduo? Obviamente, todos os seres humanos têm características em comum. Por mais complexo que a matéria físico-química que forma o homem seja, é seguro dizer que está presente em todos os seres humanos. Mas e quanto a características mentais, como descrever as diferenças entre cada sujeito?

A psicologia, como ciência, reflete a incapacidade natural de se entender por completo a subjetividade humana. Deve-se compreender que o homem assimila várias dimensões dentro de sua própria existência - dimensões essas que dialogam entre si dentro de uma formação dinâmica e, por vezes, autônoma. Uma crítica recorrente à maioria das escolas da Psicologia que antecede a Transpessoal é o fato de só abordarem um dos supostos estados de consciência mencionados na Transpessoal - o estado de vigília. Os aspectos psicológicos habitam todos os âmbitos individuais, e por mais que um seja trabalhado e afete os seguintes, a integração jamais foi total. De acordo com William James, “o mundo usual da consciência de vigília é apenas um dos estados do mundo da consciência. [...] a mente possui um manancial de possibilidades inimagináveis, repleto de potencialidades para se evoluir”. (Saldanha, 2008, p. 57).

“Para Abraham Harold Maslow, o indivíduo é um todo integrado, no qual a personalidade é um sistema aberto organizado e dinâmico.” (Frick, 1975, apud Saldanha, 2008, p. 75). O termo “dinâmico” é de suma importância. Dentro da forma transpessoal de se fazer psicologia, acredita-se que cada pequeno acontecimento acarreta em alterações primárias, que depois ecoam ao longo do complexo que é o “eu”. Os impactos não se dão necessariamente em aspectos primordiais (como personalidade e memória), mas sim nos estados emocional/físico/mental/espiritual, sempre interligados entre si - como o incrível efeito placebo nos prova. Existia uma demanda por uma escola da psicologia que “(...) contemple o ser humano em suas dimensões física, emocional, mental e espiritual, sendo esta última, segundo Abraham Harold Maslow, inerente ao ser humano, antecedendo os segmentos de práticas dogmáticas e religiosas.” (Saldanha, 2008, p. 31)”

A superação do estado de vigília abre a porta para os estados alterados de consciência, cujos exemplos envolvem visões de padrões geométricos não usuais (vértices, espirais, ondulações) e experiências “sobrenaturais”, as quais variam a partir da personalidade e crenças do indivíduo - tais ensaios podem ser verificados através de tomografias

computadorizadas ou EEGs. As disposições não ordinárias podem ser ocasionalmente rastreadas a patologias ou acidentes, nos quais se incluem a epilepsia, a insônia, experiências traumáticas e a psicose. Ao mesmo tempo, existe um número expressivo de causas intencionais, sejam elas por eventos (isolamento, hipnose, meditação, privação sensorial) ou por uso de drogas psicoativas (LSD, cocaína, derivados do ópio e ecstasy). O questionamento da desnecessidade de tais experiências é revogado por Albert Einstein já no século XIX, XX onde aponta que: “Nenhum problema pode ser resolvido pelo mesmo estado de consciência que o criou. É preciso ir mais longe. Eu penso várias vezes e nada descubro. Deixo de pensar, mergulho em um grande silêncio e a verdade me é revelada.”

Em um mundo onde todos buscam a aceitação social de uma unidade, a fim de alcançar o sentimento de pertencer a algo teoricamente maior que a própria existência, a escola transpessoal representa uma quebra de paradigmas. Sobre esta ótica, o ser humano luta para afirmar e amplificar sua autodeterminação, como um animal autônomo, cujo crescimento próprio se dá ativamente; e não através da postura reativa perante ao meio que lhe cerca. Sua personalidade se expressa a partir do esforço para consolidar e desenvolver um autogoverno, de forma a exercer ao máximo a sua liberdade e espontaneidade.

2.4 Espiritualidade e Religiosidade.

Homo sapiens sapiens. Uma subespécie singular, em meio a possíveis infindáveis exemplos de fauna inseridos em somente um planeta. Mesmo sendo um animal complexo e responsável por alterações definitivas em seu meio, parece ínfima a sua relevância perante um universo infinito e em constante expansão - e de fato o é. Conforme sociedades foram sendo estabelecidas, a busca por uma explicação de tamanha grandeza do mundo exterior e da própria existência foram se intensificando. Grupos cujos ideais eram compatíveis foram, paulatinamente, desenvolvendo as primeiras religiões; uma ocorrência natural ao longo dos milênios. A institucionalização das mesmas estabeleceu regras, crenças e hierarquias das mais diversas, e não tardou por encontrar contestações provindas de todas as esferas do corpo social, formando assim embates alimentados através de séculos. E conforme visto tantas vezes na trajetória do homem, tal conflito ideológico transformou-se em um pandemônio.

O termo “religiosidade” corresponde ao ato de aderir a uma religião, ou apenas compartilhar de seus ensinamentos e costumes. Sendo a dita ação ocasionalmente interpretada como fator de “espiritualidade”, é importante fazer uma distinção entre os dois conceitos, tão erroneamente assimilados em conjunto. Infelizmente, as definições comumente encontradas em dicionários unificam tais concepções em uma mesma explicação; porém, segundo Valle (2005), “espiritualidade consiste essencialmente em uma busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir”. O que difere a espiritualidade da religiosidade é que a última acredita na experiência religiosa a partir de um sistema de crenças e hierarquias institucionalizadas, enquanto a primeira pode estar fora desse sistema, sendo vivida de forma individual.

Diferindo destas duas dimensões ou deste referido caráter determinista da condição humana, aparece a dimensão noológica, também nomeada de espiritual. É a dimensão na qual o homem opera em uma realidade existencial, presentificada no momento criador e recriador de si mesmo em sua relação com o mundo. Esta seria a dimensão que contemplaria devidamente o ser humano, plena de valores e sentidos concretos, o aspecto no qual se reconhece a validade da liberdade, da responsabilidade e da consciência. Exatamente aquela dimensão que, segundo Frankl (1978/2005), estava sendo negligenciada pelas psicologias do começo do século XX.

3. MÉTODO

3.1 Lócus e Participantes.

Em prol de validação argumentativa, o grupo procurou indivíduos que satisfizeram pelo menos um entre dois aspectos primordiais: notório saber na área e produção científica significativa e hodierna. Foi decidido pelos membros a realização do projeto com um número baixo de profissionais, visando maior abrangência nos fundamentos e mais informações a serem analisadas posteriormente. Entre os elementos os quais buscamos associação, estão: Eneida Lima de Oliveira, especialista em psicologia transpessoal e coordenadora e docente do primeiro curso de pós graduação em psicologia transpessoal do Brasil; Luiz Eduardo Valiengo Berni, docente do Módulo Pesquisa e Transdisciplinaridade em Cursos de Pós-Graduação da Associação Luso-brasileira de Psicologia Transpessoal (ALUBRAT) e da Universidade Internacional da Paz (UNIPAZ); Vera Peceguini Saldanha, com mestrado e doutorado na Linha de Pesquisa em Psicologia Transpessoal, no Departamento de Psicologia do Desenvolvimento na faculdade de Educação (Unicamp); e Marcia Tabone, pioneira introduzindo a Psicologia Transpessoal no Brasil ao realizar e defender, em 1987, a primeira dissertação de mestrado no país.

Todos os participantes foram procurados via correio eletrônico, e o fizeram de livre e espontânea vontade, consentindo com os termos estabelecidos em contrato explícito enviado juntamente com o inquérito. Dentre as perguntas presentes no questionário, uma delas se referia à importância - pessoal - da psicologia Transpessoal na vida de cada um dos participantes. Para auxiliar na contextualização das contribuições de cada um deles para a pesquisa, segue-se os discursos: Berni diz que: *“Não há uma importância diferencial da Psicologia Transpessoal em minha vida, mas uma escolha pela Psicologia como profissão, visto que sou psicoterapeuta. (...) Trata-se apenas de mais uma psicologia, dentre tantas que existem.”*. Já Eneida apontou: *“Dentre as formações feitas durante os meus 35 anos de profissional psicóloga foi esta abordagem a que considerei mais consistente.”*. Marcia aproximou-se de Eneida ao atestar: *“A descoberta da Psicologia Transpessoal foi fundamental na minha vida. Precocemente - na infância e na adolescência - estive envolvida com assuntos como espiritualidade, estudos de religiões comparadas, práticas espirituais diversas e trabalhos filantrópicos.”*; assim como Vera, a qual menciona que além do aspecto essencial da Transpessoal em sua vida - devido a ter sido o tema de seu mestrado e doutorado - também há: *“O segundo aspecto essencial de importância para mim da psicologia*

transpessoal foi a criação de uma formação, desde 1987 em psicologia transpessoal, ensinando a Abordagem Integrativa Transpessoal, a qual se tornou a primeira pós graduação em psicologia transpessoal, ministradas em 18 estados do Brasil, e em Portugal, com mais de 3 mil alunos.”.

Visto que o trabalho foi realizado a partir de correios eletrônicos, não há um *locus per se*.

3.2 Procedimento para coleta de informações.

Na busca de conhecimento concreto e profissional sobre a Psicologia Transpessoal, o grupo elaborou, avaliado pelo orientador do projeto, um breve questionário o qual foi enviado via correio eletrônico para os profissionais. Não houve nenhuma exigência relacionada ao conteúdo, formato e tempo por parte dos pesquisadores; e a todos os entrevistados foi garantida total liberdade de expressão. Os dados coletados foram analisados a partir da lógica argumentativa apresentada nas respostas e posteriormente interpretados.

3.3 Procedimento para análise dos dados.

O procedimento escolhido pelo grupo é a análise de conteúdo. Com as respostas devidamente recebidas, o grupo reuniu os discursos individuais de cada questão específica com o intuito de facilitar a interpretação e a discussão acerca das premissas. Após a organização sistematizada, as concepções foram comparadas a conhecimentos presentes na revisão bibliográfica para a construção de ideias plenamente fundamentadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As perguntas das entrevistas foram concebidas de forma que o grupo buscou abarcar pequenas diferenças conceituais, semânticas e/ou práticas; e, ao mesmo tempo, definir aspectos primordiais comuns aos interlocutores - com determinados temas mais recorrentes em destaque. A análise dos dados que se segue foi realizada a partir dos discursos encontrados a respeito da Psicologia Transpessoal, concepções pertinentes à mesma e pontos de vista fornecidos individualmente. A partir dos tópicos centrais previamente mencionados, foram compiladas unidades de análise de forma a tornar facilitada a didática empregada, as quais são listadas abaixo com suas respectivas subdivisões:

- A. Entendimento individual da abordagem: a compreensão privada de aspectos históricos e conceituais da Psicologia Transpessoal; e os objetos de estudo relativos à Escola.
- B. Diferenciação entre espiritualidade e religiosidade: a caracterização de espiritualidade; a separação entre os dois conceitos; e as implicações da espiritualidade como uma característica individual intrínseca.
- C. A perspectiva Transpessoal de Indivíduo: a natureza da transpessoalidade; e as potenciais consequências em nível social.
- D. Processos terapêuticos: os processos em si; e a relação entre terapeuta e paciente.
- E. Similaridades e particularidades: a relação da Psicologia Transpessoal com abordagens não-hegemônicas; e as contribuições positivas da mesma.
- F. Desafios e perspectivas futuras: dificuldades no setor acadêmico; e o constante trato com a insciência, os preconceitos e a imoralidade.

4.1 Entendimento individual da abordagem

Dentro desta categoria, a primeira observação que mereceu destaque foi a inexistência de uma explicação padronizada para a Psicologia Transpessoal; ao contrário: todos os quatro entrevistados ofereceram respostas distintas entre si - e elas, em momento algum, refutam-se entre si. Em uma perspectiva histórica, ficou evidente a forte relação entre a Escola Humanista e a Escola Transpessoal; ideia essa que já havia sido evidenciada na fundamentação teórica anteriormente disponibilizada - “ (...) *com uma forte influência Humanista (...)*” (página 5) -, e confirmada nas seguintes falas: “*Considerada a quarta-força em Psicologia, surgiu nos anos 60, na Califórnia (EUA); e ao mesmo tempo, é vista como um desdobramento e uma ampliação do movimento anterior: a psicologia humanista.*” (Marcia, psicóloga); e “*podemos concordar com Abraham Maslow (1908-1970), que considerou a Transpessoal como a ‘Quarta Força da Psicologia’; sendo a primeira força a Psicanálise, seguida da Psicologia Comportamental, e da terceira, a Psicologia Humanista.*” (Eneida, psicóloga). É válido lembrar que Abraham Maslow, além de ser um dos pioneiros do que viria a ser conhecido como Psicologia Transpessoal, também foi um dos fundadores do movimento Humanista em meados do século XX.

Luiz Eduardo Berni trouxe, em determinado ponto, a ideia de que não haveria uma Psicologia Transpessoal; e sim um amplo espectro de teorias cujos cernes caminham em ressonância - fato este corroborado dentro desta análise, visto que o mesmo identificou que ela “ (...) *busca pelo integral, pela transcendência da condição limitada do ser humano é o principal diferencial positivo da Psicologia Transpessoal.*”. O trecho anterior imediatamente remeteu-nos aos estados alterados de consciências e à dimensão noológica, trazidos anteriormente como algumas das especificidades de maior importância da metodologia tratada: “*Diferindo destas duas dimensões ou deste referido caráter determinista da condição humana, aparece a dimensão noológica, também nomeada de espiritual.*” (página 12) e “*A superação do estado de vigília abre a porta para os estados alterados de consciência (...)*” (página 11). Além disso, Vera Saldanha a explicou como “ (...) *uma abordagem teórica e prática, que apresenta uma visão antropológica mais ampla que a psicologia convencional (...)*” cujo fator de diferenciação é “*ter como axioma a natureza superior da consciência.*”. A comparação antropológica com as teorias convencionais e o conceito que estabelece uma distância das mesmas demonstram claramente uma proposta pouco convencional e focada na figura individual.

Já quando mencionam os objetos de estudo de tal vertente, verificou-se maior sintonia entre as respostas e uma variada gama de tópicos pertinentes ao estudo transpessoal, como evidenciado na fala de Berni:

“ (...) a) Os estados não ordinários (ou alterados) de consciência; b) A espiritualidade, ou modo como as pessoas buscam o sentido último da vida; c) e o estudo da consciência, ou seja, a maioria das abordagens Transpessoais procura realizar uma cartografia da consciência humana.”

Embora tenha delimitado “apenas” três, são campos muito amplos e extremamente subjetivos: os estados alterados são profundamente individualizados e acessados por vias práticas específicas - que variam desde uso de algumas substâncias psicoativas até a autoflagelação e práticas contemplativas e meditativas; a espiritualidade e o sentido da vida mostram-se inerentemente dispersos e de difícil conceituação; e a “cartografia da consciência humana” trata de, literalmente, compreender estados semelhantes em bilhões de indivíduos.

Trazendo de volta o vínculo com o Humanismo, Marcia denota que a Transpessoal “ (...) ampliou as metas estabelecidas pelo movimento humanista da ‘Autorrealização’ para incluir ‘Autotranscendência’.”, o que está intimamente conectado à espiritualidade e à transcendência da consciência egóica; e também verifica um caráter menos apto ao método científico - além de fazer referência aos ditos de Berni sobre o mesmo assunto. Ainda sobre as motivações e propostas da Escola, afirma:

“Ela está empenhada em estudar o desenvolvimento humano, mas ciente da limitação da própria psicologia científica ou oficial ela integra a visão de homem ou da consciência das grandes tradições como o budismo, o hinduísmo, Yoga, Vedanta, e outras tradições.”

Sendo assim, com os atuais meios aos quais dispomos, verifica-se a confirmação da incapacidade de se fazer Psicologia Transpessoal dentro dos moldes científicos pré-estabelecidos; e também a influência da filosofia oriental, com o yoga, o hinduísmo e o budismo como teorias de conhecimento fortemente pautadas em aspectos positivos e espirituais. Eneida, quando atesta que a “maior contribuição dessa nova linha psicológica é a da experiência consciente, a crença na integralidade entre a natureza e a conduta do ser

humano, no livre arbítrio, espontaneidade e poder criativo do indivíduo.”, segue a mesma linha de expandir as condições mundanas do ser humano para um nível acima, cujas potencialidades são desconhecidas e possivelmente infinitas.

Fica evidente que, mesmo não havendo consenso absoluto sobre a definição do tema em si e de suas áreas de interesse, houve uma clara convergência de ideais - como há de ser. Ela se deu principalmente sobre a importância da espiritualidade, reforçada por Berni em: *“(...) interessa-se pelo estudo da espiritualidade (conforme descrito acima), mas não pela religiosidade propriamente - cujo objeto está mais para a psicologia da religião.*” e sua expressão no indivíduo, além do escape da consciência para estados não-ordinários, conforme apontado por Vera: *“Estuda e possibilita a aplicação dos diferentes níveis de manifestação da consciência, focalizando também estados mais elevados com seus potenciais de cura, transformação e aprimoramento do ser humano.*”. É também notável o quanto a Psicologia Transpessoal afasta-se das outras linhas mais “ordinárias”, ao mesmo tempo em que evolui a partir da Psicologia Humanista e tenta integrar as demais.

4.2 Diferenciação entre espiritualidade e religiosidade

Uma discussão que não se prende somente à este artigo. Talvez pela complexidade em defini-la ou experienciá-la, a espiritualidade é frequentemente vista, pelo senso comum, como um fator religioso - assim como o contrário. Contudo, essa não é a visão transpessoal, como explica Marcia: *“(...) espiritualidade é mais livre, vivência do sagrado, dos fenômenos psíquicos ou cognitivos relacionados à espiritualidade e as diferentes práticas espirituais como meditação, oração, rituais, tranSES, xamanismo, mediunidade, etc.”* e Vera: *“O significado original remete-se ao termo espírito-pneuma ou sopro-animador, o princípio vivificante do sentimento autêntico de alguma coisa.”*. Está relacionada à transcendência, ao bem-estar, ao encontro de um propósito significativo para a vida - e por essas características, é um fator majoritariamente privado; exclusivo ao indivíduo. Essa observação apoiada por Eneida em: *“A espiritualidade pode ser definida como uma propensão humana a buscar significado para a vida por meio de conceitos que transcendem o tangível, à procura de um sentido de conexão com algo maior que si próprio”*, também reafirma um dos recortes da

fundamentação teórica onde Valle (2005) aponta que: “A espiritualidade consiste essencialmente em uma busca pessoal de sentido para o próprio existir e agir”.

Enquanto pode estar, eventualmente, conectada a práticas e/ou instituições religiosas, ela em contrapartida, conforme reforçado por Vera: “*não se atém a dogmas*”. Eneida também corrobora esta perspectiva de espiritualidade ao afirmar que: “*A espiritualidade pode ou não estar ligada a uma vivência religiosa.*”. Ou seja, a espiritualidade caracteriza-se por uma manifestação natural do ser humano; cujas experiências foram explicadas por Berni: “*(...) fenômenos anômalos, muitas vezes descritos pela religião como os estados de transe, meditativos, entre outros (...)*”. Portanto, embora não seja um conceito definido, é uma série de estados resultantes de práticas concretas - em uma analogia pronunciada por Vera: “*É a informação subjacente à semente, aquela que sabe que é a futura árvore e conhece o caminho para concretizar as condições que a favorecem.*”

Por outro lado, a religiosidade é compreendida diferentemente. Vera traça um argumento comparativo: “*A religião relaciona-se a prática pública, institucionalizada e dogmática.*”, para esclarecer que a espiritualidade é anterior à religião e reforçar o processo coletivo da experiência religiosa. Giddens (2005, citado por Eneida, psicóloga) foi enfático na relação entre a Transpessoal e a Religião:

“O entendimento da Transpessoal acerca da Religião aproxima-se muito do entendimento da Sociologia. Para a Sociologia o caráter social desses rituais é um dos aspectos de maior interesse. As comunidades que se formam em volta das religiões variam em uma série de aspectos. Nas comunidades mais tradicionais, a religião torna-se base para um grande número de manifestações sociais. A arte, a música, a literatura, entre outros, são delimitadas pela tradição religiosa nas comunidades mais intimamente conectadas a ela. A partir disso, tiramos uma perspectiva do tamanho da influência que as religiões possuem na vida de seus fiéis.”

Marcia ofereceu uma explicação semelhante:

“Temos que entender a Religião e a Psicologia como campos do Saber específicos. A Religião tem definição, fundamentos, métodos e o mesmo ocorre com a Psicologia, porém, o ser humano necessita de ambas. Não se trata de “juntar”, mas estabelecer o diálogo, as correlações, um trabalho sistematizado, entre as duas vertentes do conhecimento. Religião tem mais de 20 definições, porém o campo transpessoal considera a definição mais simples e atual, uma referência ao Sagrado e aos fenômenos de contato com o Sagrado. Religião está mais relacionada à Instituição formal, aos dogmas a teologia.”

Tal distinção resulta em uma série de implicações importantes para a teoria Transpessoal. Como nos explicou Vera:

“A espiritualidade legítima favorece uma ótica de confiança, promove valores do ser destacados por Maslow, torna possível a perspectiva de uma sociedade melhor; (...) envolve a necessidade de transcendência, sensação de bem estar que é experienciada quando encontramos um propósito, um sentido significativo para a vida, os quais favorecem experiências transpessoais.”

Finalizamos esta pequena e bastante pertinente análise de diferenciação entre religiosidade e espiritualidade com alguns trechos do polêmico texto comparativo do Dr. Guido Nunes Lopes:

“(...) A religião não indaga nem questiona. A espiritualidade questiona tudo. A religião é humana, é uma organização com regras. A espiritualidade é Divina, sem regras. (...) A religião lhe busca para que acredite. A espiritualidade você tem que buscá-la. A religião segue os preceitos de um livro sagrado. A

espiritualidade busca o sagrado em todos os livros. (...) A religião se ocupa com fazer. A espiritualidade se ocupa com Ser. A religião alimenta o ego. A espiritualidade nos faz Transcender. (...) A religião é adoração. A espiritualidade é Meditação. A religião sonha com a glória e com o paraíso. A espiritualidade nos faz viver a glória e o paraíso aqui e agora. A religião vive no passado e no futuro. A espiritualidade vive no presente. (...) A religião promete para depois da morte. A espiritualidade é encontrar Deus em Nosso Interior durante a vida.”
(https://www.pensador.com/autor/prof_dr_guido_nunes_lopes/) G. N. Lopes (2011)

Cabe ressaltar que essa não é necessariamente a opinião da Transpessoal, dos entrevistados e/ou dos pesquisadores. Este último recorte possui fins a ampliar a reflexão sobre a temática e instigar possíveis novos estudos e levantamentos sobre as semelhanças, distinções e implicações da religiosidade e da espiritualidade nos âmbitos individuais e coletivos/sociais relacionadas, ou não, à perspectiva transpessoal.

4.3 A perspectiva Transpessoal de Indivíduo

Conceituar o indivíduo é uma tentativa no mínimo pretensiosa; afinal, como demonstrado por Kant (1785) em sua obra *Groundwork of the Metaphysics of Morals*, é um fim em si mesmo; possui racionalidade, moralidade e capacidade linguística de argumentação - e disso depende-se a individualidade como soberana dentro da espécie humana. Como reforçado pela revisão literária - “*Deve-se compreender que o homem assimila várias dimensões dentro de sua própria existência - dimensões essas que dialogam entre si dentro de uma formação dinâmica e, por vezes, autônoma.*” (página 10) -, o dinamismo entre as diversas dimensões inerentes ao homem é sempiternamente flutuante: qualquer impacto em uma delas obrigatoriamente afeta as outras. Com isso em vista, Berni explica:

“A Psicologia Transpessoal vê o indivíduo numa perspectiva bio-psico-socio-espiritual. Ou seja, as pessoas não são 100% animais, e neste sentido estão sujeitas aos condicionamentos próprios dessa condição; possuem uma vida psicológica primária, marcada pulsões inconscientes; estão também inseridas/sujeitas à cultura numa sociedade e, neste sentido, à mercê dos fatos históricos próprios das coletividades humanas.”

O termo “holístico” está intimamente conectado à prática, e trata da ideia de que um organismo não pode ser explicado apenas pela soma de seus componentes: o todo é maior que o mero montante - e isso seria uma tendência natural do universo. Nas palavras de Marcia: *“O indivíduo é visto sob a perspectiva holística, uma visão que leva em conta todos os níveis do espectro da consciência humana. Os níveis do Ego, Existencial e Transpessoal.”*

Esse entendimento particular a respeito da figura individual implica, necessariamente, em consequências de nível social/coletivo; de forma que, para Marques (2000, citado por Marcia, psicóloga): *“(...) integra o organismo ao meio, o racional, o emocional e o social com a clareza de que não estão separados, gerando altruísmo, cuidado ético consigo e com o outro como decorrência natural.”* Porém não trata-se somente do ser; o indivíduo precisa ser atuante em seu ambiente de modo a totalizar as positivities privadas para o contexto; não só os seus semelhantes, mas também a natureza, como evidencia Berni:

“(...) vencer os fatores meramente biológicos e o funcionamento primário da psique, permitindo uma visão integral/holística da existência o que potencializa as capacidades humanas para uma ação social crítica no sentido de vencer as desigualdades (sociais) e rumar para a construção de uma coletividade mais igualitária entre os seres humanos e destes para com o planeta.”

4.4 Processos Terapêuticos

Por sua intrinsecidade abstrata e natureza etérea, a Psicologia Transpessoal têm em seu campo teórico um ordinário destaque, com a finalidade de tornar seu núcleo mais maleável. Com isso, sua praticidade é esporadicamente acompanhada de interrogações acerca de sua eficácia; as quais, quando analisadas profundamente, são constatadas como falaciosas e por vezes preconceituosas: o fato de não se verificar dentro do *status quo* acadêmico da Psicologia não a torna, necessariamente, menos efetiva.

Como explica Eneida:

“Partindo de uma teoria holística, a Psicoterapia Transpessoal não dispensa as contribuições que outras escolas de psicoterapia dispõem, mas propõe-se a transcender os limites destas outras psicologias, haja vista ter uma concepção de consciência muito mais abrangente. Isto não significa que não se trabalhe com resolução de conflitos neuróticos, alívio de sintomas, modificação de comportamentos, e todas as outras manifestações trabalhadas em outras abordagens. Significa que, ao trabalhar com pessoas que manifestam estas necessidades, permeia o objetivo de um nível de desenvolvimento espiritual elevado que implique numa ampliação da consciência.”

Já a respeito das metodologias passíveis de serem aplicadas, Berni explica:

“(…) pode ser caracterizada por pelo menos dois enfoques: a) Um enfoque mais humanista, fenomenológico, muito na linha da relação de ajuda, conforme descrito na Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers; b) ou num enfoque mais interpretativo centrado uso de técnicas que possibilitam o exercício da análise do movimento da consciência por meio das cartografias da consciência, como no caso dos junguianos.”

Nota-se que a menção à psicologia de Carl Gustav Jung comprova a ascendência do mesmo dentro da Transpessoal, fato já antes mencionado através de Saldanha (2008). Processos pautados pelas Psicologias Junguiana e Humanista - novamente em evidência - foram citadas como exemplos de experiência terapêutica; e disso pode ser feita outra análise: os indivíduos que procuram o tratamento mediante a Transpessoal têm uma demanda completamente diferente dos que optam por Psicanálise ou as variações Comportamentais. Como posto por Marcia:

“Temos que levar em conta a queixa ou a busca do cliente, assim há clientes que tem prioridade em receber ajuda para entender suas questões com a espiritualidade como fé ou ausência de fé, desequilíbrio causados por práticas espirituais desregradadas, uso abusivo de plantas que alteram a consciência; mudança de caminho espiritual, crise por dúvidas de temas espirituais. Pode ocorrer em meio a tudo isso também a necessidade de lidar com traumas e problemas emocionais, escolhas, etc. Cabe ao profissional orientar o processo terapêutico de acordo com as prioridades e necessidades do cliente.”

Estendendo o ponto, é preciso compreender como se dá a relação entre o terapeuta e o paciente dentro dessa ótica. Embora a ética envolvida não seja diferente daquela utilizada por outras epistemologias psicológicas, há uma pequena modulação de detalhes específicos que pautam a correspondência entre as duas partes:

“Um encontro humano; deve haver empatia; só pode ser terapeuta transpessoal quem valoriza e já vivenciou experiências transpessoais. Uma relação de crescimento mútua com respeito pelos papéis. O terapeuta transpessoal deve seguir uma ética de respeito, autenticidade e amorosidade pelo outro. Acima de tudo o terapeuta deve levar em conta o

‘Servir’ ao processo de descoberta e crescimento, transformação e cura do cliente.” (Marcia)

Vera foi responsável pelo desenvolvimento da Abordagem Integrativa Transpessoal; a qual, segundo a mesma, preza por: “ (...) *uma relação contextualizada por distintos papéis do (profissional) e do paciente; com a necessidade premente de escuta, presença, percepção da inteireza do outro, favorecendo a autopercepção do paciente - ou educando na educação.*”. Mais especificamente, a A.I.T estuda e esforça-se em aplicar os diferentes níveis de expressão da consciência nos planos pessoais, relacionais e suprapessoais a partir de: emergência de positividade, ampliação da visão de nível inconsciente; interação e síntese entre aspectos femininos e masculinos; autoconhecimento.

4.5 Similaridades e Particularidades

As similaridades e particularidades - divergentes ou convergentes - da perspectiva transpessoal em relação às demais abordagens/teorias - embora já tenham sido em grande parte mencionadas nos tópicos anteriores - fazem-se pertinentes o suficiente para integrar este tópico como protagonistas.

Segundo Saldanha (2008) era necessária a criação de uma nova escola da psicologia a qual contemplasse aspectos do ser humano não abordados por vertentes já existentes, como a integração entre as dimensões física, emocional, mental e espiritual. Como firmado no “Entendimento Individual da Abordagem”, a Transpessoal surgiu com uma proposta de integrar “*as demais linhas psicológicas e/ou terapêuticas e também as abordagens de sabedoria orientais e ocidentais para ampliar a visão de ser humano e os limites do desenvolvimento humano.*” (Marcia, psicóloga). Ademais, propõem-se maior atenção, exame e valorização dos aspectos saudáveis do indivíduo - considerados, em grande parte, inerentes à condição humana. Ainda, segundo Vera têm-se uma “*nova linguagem conceitual envolvendo a riqueza da transubjetivação no desenvolvimento psíquico, na dor e sofrimento; ressignificando a dimensão intrínseca e extrínseca, da vida humana e reconciliando aparentes paradoxos.*”.

Outra potencialidade da Transpessoal seria a previamente mencionada característica de aceitação da dinamicidade intrínseca à vida e suas relações; o que, de acordo com Vera, “*possibilita a estruturação de um protocolo, sem ‘engessar’*”, com a finalidade de promover, da forma mais efetiva possível, o “desenvolvimento psico-espiritual do indivíduo.”

Em relação ao seu amplo escopo teórico - mais precisamente aos seus objetos de estudo - Marcia afirma que: “*profissionais das diferentes especializações podem se beneficiar desse conhecimento no sentido de mais esclarecimentos sobre a natureza e o desenvolvimento da consciência e das potencialidades humanas.*”.

Marcia resgata um ponto essencial para a compreensão deste tópico quando afirma que: “*ela ensina a lidar com fenômenos de realidade interior que foram subestimados pelas linhas clássicas e muitas vezes confunde-os com psicopatologia.*”. Essa análise também foi respaldada por Vera, que comenta: “*(...) colabora para não espiritualizar a patologia e não patologizar a espiritualidade. Ela é útil para clientes diferenciados cujas experiências espirituais intensas precisam ser reconhecidas e não se tornar empecilho no processo de adaptação social, familiar, etc.*”. Aqui, mais uma vez, fez-se presente a noção de que a perspectiva tende a ser mais solicitada e/ou efetiva para indivíduos cujas idiossincrasias envolvem, segundo a teoria, experiências espirituais - denominadas por Maslow como experiências culminantes. Porém, conforme Maslow (1990, citado por Saldanha, psicóloga), essas são necessariamente positivas: “*O termo experiências culminantes é uma generalização para os melhores momentos do ser humano, para os momentos mais felizes da vida, para experiências de êxtase, enlevo, beatitude, de maior felicidade.*”; já as vivências espirituais de maneira geral possuem uma maior ambivalência, podendo - normalmente devido à uma interpretação incorreta - acarretar em um quadro patológico, como citou Marcia durante a entrevista: “*Especialmente ela ensina lidar com fenômenos de realidade interior que foram subestimados pelas linhas clássicas e muitas vezes confunde-os com psicopatologia.*”

4.6 Desafios à abordagem

Galileu Galilei; Nicolau Copérnico; Charles Darwin. Há um número imenso de personalidades cujos trabalhos foram *a prioristicamente* prejudicados devido à estrutura pouco dinâmica - para usar um eufemismo - da conjuntura acadêmica; muitos gênios foram suprimidos pela voracidade de uma “elite intelectual” artificial, incapaz de lidar com a

descentralização de influência. Claro que não existe pretensão alguma de equiparar a Psicologia Transpessoal com os exemplos acima: afinal, tais sujeitos literalmente transformaram para sempre o ser humano e a maneira pela qual o mesmo observa seu mundo; mas é notável a mudança mínima de postura do meio científico.

Quando questionados sobre as pedras no caminho que viam à sua volta, os entrevistados exibiram réplicas extremamente similares, com a delimitação de dois principais problemas: seu funcionamento, formação e participantes inseridos no contexto da Academia; e a ignorância, imoralidade e a discriminação externa. O primeiro é verificável nas falas de Vera: *“Falta de informação e formação nas universidades. Número limitado de pesquisas nessa área; apesar de terem aumentado no últimos anos. Falta de formações adequadas (...)”*, e Marcia: *“Existe falta de formação dos profissionais que atuam na área. O desconhecimento da própria psicologia transpessoal e as barreiras do meio acadêmico que não permitem aos estudantes de psicologia pesquisar.”* O grupo vivenciou alguns desses relatos: desde o trato com professores que mostraram-se completamente leigos a respeito do tema, até o silencioso desdém de grupos específicos; bem como ao perceber a inexistência de qualquer contato com a Psicologia Transpessoal no currículo.

Berni demonstrou que ambos misturam-se entre si quando afirma: *“O preconceito dos colegas que desconhecem a seriedade da abordagem e fazem julgamentos sumários, baseados no senso comum.”* O mesmo foi ainda mais longe e evidenciou um aspecto que o grupo não havia esperado:

“A proximidade com as questões próprias das religiões e a existência de Psicologias Transpessoais religiosas como, por exemplo, a Psicologia Transpessoal de Joana de Angelis recebida por inspiração mediúnica, torna o campo potencialmente perigoso ao deslize ético, por parte de profissionais.”

O que Berni denominou “deslize ético” não foi trazido à tona anteriormente às entrevistas por nenhum dos integrantes; mesmo que o embate entre religiosidade e espiritualidade tenha sido discutido à exaustão. Pode-se interpretar como falha lógica ou ingenuidade excessiva por parte do grupo, visto que Vera depôs em encontro aos ditos de

Berni:

“ (...) equívocos de inclusão de práticas religiosas como pertinentes a psicologia transpessoal, práticas religiosas podem ser até benéficas ou não. Poderão, em processos psicoterapêuticos, gerar mais dependência; e acima de tudo, fere o princípio fundamental na psicologia - a laicidade.”

Definir as (im)possíveis fronteiras entre a Psicologia, Religião e Laicidade são fundamentais para construção de uma sociedade mais democrática e igualitária. Como é possível perceber no trecho acima, equívocos de inclusões de práticas religiosas podem ocasionar processo ético por ferir um princípio fundamental da psicologia, a laicidade. Neste quesito, Eneida citou os Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs) como instituições problemáticas; com destaque enfático ao CRP-12, de Santa Catarina. Ela destaca que, por duas vezes, esteve envolvida em disputas judiciais com o Órgão - nas quais teve ganho de causa. Aparentemente, a desagradável situação teve início quando, mesmo munida de titulação de pós-graduação em Psicologia Transpessoal aprovada pelo Ministério da Educação, foi notificada que não poderia prestar serviços de atendimento psicológico “cujos procedimentos, técnicas e meios não estiverem regulamentados e reconhecidos pela profissão”.

Adentrando as fronteiras entre a regulamentação da profissão e do exercício profissional cabe um parêntese para aprofundar o entendimento. Quando o Estado reconhece que uma prática é benéfica para a sociedade e possui validação por estes que se beneficiam dessas práticas, ele regulamenta a profissão. Esse é o caso da Psicologia, a qual tornou-se regulamentada pela lei 4119/1962. Esta regulamentação tem por objetivo restringir a atuação profissional criando regras e padrões básicos de qualidade. Esta é a atribuição das autarquias profissionais, chamadas também de conselhos profissionais. Todas as profissões tem um compromisso com o serviço prestado a sociedade o qual ganha materialidade no código de ética do profissional.

Os apontamentos, com bem destacado pela Eneida diz respeito aos tensionamentos existentes entre os conselhos profissionais e psicólogas(os) que praticam psicologia

transpessoal. Ainda sobre este aspecto, Marcia destaca que “Atualmente não há problemas com o CFP e nem com os CRPs que já estão mais esclarecidos.” No que refere-se ao diálogo em relação a Psicologia, Religião e Laicidade, corroborando com a fala da Marcia, os sistema conselhos têm procurado promover debates e ampliar o diálogo. Isto fica evidente nas deliberações do VIII e IX Congresso Nacional de Psicologia (CNP), principais instância deliberativas que dão as diretrizes para as gestões do sistema conselhos.

Direitos Humanos, criando espaços de diálogo na interface da Psicologia com a religião, a espiritualidade e os saberes tradicionais, posicionando-se criticamente em relação ao fundamentalismo religioso ou moral, garantindo o exercício da Psicologia calcado em seus princípios éticos, técnicos e científicos. (VIII CNP, 2013)

(<http://site.cfp.org.br/publicacao/viii-cnp-psicologia-etica-e-cidadania-praticas-profissionais-a-servico-da-garantia-de-direitos/>)

2.5 Laicidade 1) Que o Sistema Conselhos de Psicologia reafirme a laicidade da Psicologia e se posicione em defesa do Estado laico, por meio da atuação efetiva das Comissões de Direitos Humanos, visando:

- a) garantia de permanente construção do estado de direito e dos Direitos Humanos de liberdade de crença e culto;*
- b) compreensão das possíveis relações entre ciência, religião e crenças, combatendo as diferentes formas de fundamentalismo e reducionismo, bem como a intolerância religiosa, que procurem impor formas de normatização e/ou quaisquer tipos de restrição à constituição livre e autônoma das subjetividades;*
- c) a construção de conhecimentos e novas epistemologias para fomentar o desenvolvimento das políticas públicas que se pautem pelo viés da espiritualidade - entendida como busca pelo sentido da vida;*
- d) debate vinculado à questão ética e técnica sobre a laicidade da Psicologia e do Estado, a fim de fundamentar a orientação e fiscalização das instituições, serviços e/ou profissionais psicólogos (os);*
- e) ampliação de produção e a divulgação de materiais de orientação técnica do Sistema Conselhos*

sobre o diálogo entre a Psicologia, laicidade, religião, espiritualidade e saberes tradicionais. (Deliberações do IX CNP, 2016)

(http://9cnp.cfp.org.br/wp-content/uploads/sites/20/2016/02/CFP_Cad_CNP_Deliberacoes_WEB.pdf)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante observação das diferentes perspectivas obtidas nas entrevistas, e também dos dados pesquisados para a confecção deste artigo, o grupo pôde demonstrar objetivamente que a Escola Transpessoal é uma linha epistemológica complexa e mais do que capaz de sustentar-se em meio ao rigor científico que permeia o ramo da Psicologia; visto que o enfoque individual e o holismo atendem à demandas que outras vertentes não conseguem suprir.

Embora muito longe de estar inserida no *mainstream* científico, pode-se perceber um avanço lento, porém constante - não só no cenário internacional, como também no espaço acadêmico formal brasileiro; visto que Eneida nos informou que:

“ (...) temos um total de 37 universidades públicas federais (dentre elas, a UFRN) que oferecem curso de psicologia, sendo encontrado neste universo de cursos um total de 6 (16,22%) universidades que apresentavam na grade curricular do curso de graduação temáticas envolvendo a psicologia transpessoal. (...) Foram encontrados um total de 9 cursos de especialização que tratam da temática da psicologia transpessoal. Sendo 7 cursos de especialização específicos de psicologia transpessoal. As universidades federais de Pernambuco e da Paraíba apresentam disciplinas nos cursos de especialização que tratam da abordagem transpessoal. Todos os cursos de especialização investigados apresentam os requisitos necessários ao seu funcionamento, sendo todos reconhecidos pelo MEC.”

O número total pode parecer modesto, e de fato o é. Todavia, considerado o fato que esse processo de inserção teve início na década de 70 do século passado; e conhecendo o caráter conservador das instituições formais de ensino, torna-se um fato a ser celebrado.

O objetivo geral deste artigo foi o tópico que guiou a maior parte das perguntas aplicadas; e a natureza difusa de toda a abordagem não impediu os entrevistados de oferecerem respostas extremamente similares à respeito do âmago da Psicologia Transpessoal: viu-se, inclusive, os interlocutores citando uns aos outros e até completando

ideias que unitariamente haviam ficado vagas - principalmente nos pontos onde a subjetividade e a objetividade são indissociáveis; como nos relatos sobre espiritualidade, práticas terapêuticas e compreensão do panorama geral.

Quanto aos propósitos secundários, logrou-se sucesso em todos. Enquanto a revisão bibliográfica não foi capaz de elucidar alguns dos cernes intrínsecos à vertente, os dados coletados via entrevistas foram decisivos para a formação de um campo de ideias “concreto” e capaz de descrever a Escola - talvez não em sua totalidade, mas o suficiente para que possamos enxergar seus contornos e verificar a aplicação prática, o que não ficou claro para o grupo apenas com a pesquisa científica.

Por ser uma abordagem relativamente nova, percebe-se que a abordagem ainda precisa aprofundar mais as suas bases epistemológicas e conceitos principais. Observa-se então, a necessidade de uma maior aceitação no campo acadêmico, de forma a surgir novas pesquisas na área, com o fim de que viabilizar, à comunidade científica, a discussão e absorção dos novos paradigmas que essa abordagem oferece.

Um aspecto interessante da pesquisa foi a grande corroboração existente entre as respostas dos entrevistados e a fundamentação teórica anteriormente realizada pelo grupo. Isso se deve, em grande parte, pela participação de alguns dos maiores expoentes da Psicologia Transpessoal no Brasil nessa pesquisa. Em contrapartida, também apresenta um relativo caráter de homogeneidade - de fundamentos - e coerência da abordagem. Além de demonstrar que apesar do grande desconhecimento geral em relação à Transpessoal no senso-comum; dentre os psicólogos e no contexto acadêmico, existem materiais confiáveis e de qualidade produzidos nacionalmente referentes à gênese, fundamentos e desenvolvimento da escola Transpessoal.

Ao olharmos para a perspectiva de futuro dessa escola da Psicologia, certamente vemos uma grande possibilidade de ascensão e desenvolvimento da teoria e prática Transpessoal como um todo. Ademais, há uma certa tendência da sociedade ao conhecimento, esclarecimento e conseqüente decadência de preconceitos. Esperamos que o conteúdo dessa produção tenha servido de alguma maneira para dar-se pelo menos alguns passos nessa direção.

Finaliza-se essa pesquisa com uma tentativa de instigar novos estudos sobre a temática a fim de ampliar o conhecimentos sobre a mesma, amenizar o

desconhecimento/preconceito generalizado que ela sofre e, conseqüentemente, difundi-la a ponto de mais pessoas poderem se beneficiar de seu conhecimento teórico, intervenção terapêutica e prática profissional. Em relação à prática profissional ainda existe um lamentável cenário na formação acadêmica de psicologia onde muitos psicólogos formados nunca sequer ouviram falar na psicologia Transpessoal e/ou teorias semelhantes a ela - em um sentido de também serem não-hegemônicas. Poderíamos mencionar também as diversas pessoas que iniciam um curso superior em psicologia, acabam não se identificando com nenhuma abordagem ou com a temática tratada de maneira geral e desistem do curso. Possivelmente, com a ampliação dos estudos sobre a Transpessoal e outras abordagens não integrantes do mainstream acadêmico e sua conseqüente inserção no ambiente Universitário, diminuiria-se consideravelmente o número de desapontamentos e desistências nos cursos de psicologia de todo o Brasil.

6. REFERÊNCIAS

Saldanha, V. (2006). *Didática Transpessoal: Perspectivas inovadoras para uma educação integral*. Tese de Doutorado, UNICAMP. Disponível em: <http://teiaufmg.com.br/wp-content/uploads/2014/07/SALDANHA-Vera-Peceguini.-Did%C3%A1tica-transpessoal-perspectivas-inovadoras-para-uma-educa%C3%A7%C3%A3o-integral.-Campinas-UNICAMP-2006.-298-p.-Tese-Doutorado-em-Educa%C3%A7%C3%A3o-Programa-de-P%C3%B3s-Gra.pdf>

Parizi, G. V. (2006). *Psicologia transpessoal: algumas notas sobre sua história, crítica e perspectivas*. Psic. Rev. São Paulo.

Saldanha, V. (2008). *Psicologia transpessoal: abordagem integrativa: um conhecimento emergente em psicologia da consciência*. (Reimpressão 2015). Ijuí: Ed. Unijuí.

Gerhardt, T. E. & Silveira D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Gil, A. C. (1994). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (ed. 4). São Paulo: Atlas.

Lima Neto, V. B. (2013). *A espiritualidade em logoterapia e análise existencial: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial*. Goiânia: Rev. Abordagem Gestalt.

Frankl, V. E. (1990) *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papirus.

Frankl, V. E. (2005). *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. São Paulo: Ideias & Letras.

Valle, J. E. R. (2005) *Religião e espiritualidade um olhar psicológico*. In: AmatuZZi, M. M. (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus.

Ferreira, A. L. & Silva, S. C. R (2015). *A espiritualidade como acontecimento transpessoal*. CRP-SP.

Ferreira, A. L. & Silva, S. C. R & Silva, S. C. R (2015). *A experiência como natureza da subjetividade*. CRP-SP.

Schultz, D. P. & Schultz, S. E. (2013). *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cengage Learning.

Descamps, M. A. (2003). *Histoire du transpersonnel*. Disponível em: www.europsy.org/aft/histrans.html.

Fanti, L. H. & Feijó, M. C. (2012). *Pós-modernidade e contracultura dos anos 60 e suas influências na agenda política dos anos 90*. (Vol. 6, ed. 6) Disponível em <http://www.faceq.edu.br/regs/edicoesAnteriores.asp>

Krüger, C. (2010). *Impressões de 1968: contracultura e identidades*. (Vol. 32) Maringá, Acta Scientiarum: Human and Social Sciences

Azevedo, D. (2003). *Desafios estratégicos da igreja católica*. (ed. 60) São Paulo: Lua Nova.

Kant, I. (1785). *Groundwork of the Metaphysics of Morals*. (ed. 1) Lisboa, Portugal: Edições 70. Disponível em: <https://professoredmarfilosofia.files.wordpress.com/2012/02/kante-fundamentacaodametafisicadoscostumes-trad-pauloquintela-edicoes70-120p.pdf>

Caderno de Deliberações do VIII CNP. (2013) *Psicologia, ética e cidadania: práticas profissionais a serviço da garantia de direitos*. Disponível em <http://site.cfp.org.br/publicacao/viii-cnp-psicologia-etica-e-cidadania-praticas-profissionais-a-servico-da-garantia-de-direitos/>

7. ANEXOS E APÊNDICES

7.1 Roteiro de Entrevista

1 - O que você entende por psicologia transpessoal? Qual a importância dela em sua vida?

2 - Como você entende a relação entre a Psicologia Transpessoal com a religião/ religiosidade e espiritualidade?

3 - Como a perspectiva transpessoal enxerga o indivíduo e suas respectivas potencialidades? Quais os prós e contras dessa concepção?

4 - Em que essa vertente difere das demais escolas nos aspectos teórico e prático?

5 - O que a psicologia transpessoal pode oferecer metodologicamente, aos indivíduos, que as demais linhas de pensamento não o fazem?

6 - Como a transpessoal concebe a relação profissional-paciente?

7 - Quais as principais dificuldades enfrentadas por profissionais que atuam com a psicologia transpessoal?

8 - Como você avalia a relação das abordagens não hegemônica, como a transpessoal, com as demais áreas da psicologia?